

NHEENGATU

Fotos: AC



ALDEIA O professor índio Francisco Gecinaldo ensina pela primeira vez na escola a cultura dos índios mura

# Índios mura resgatam língua geral na educação de Autazes

**NA ALDEIA GUAPENU, ÍNDIOS ESTÃO SENDO PREPARADOS PARA ASSUMIR AS SALAS DE AULA COMO PROFESSORES**

DIONE SANTANA  
ENVIADA ESPECIAL

**A**UTAZES, AM – No município de Autazes (a 118 quilômetros de Manaus) não é inconstitucional seguir uma grade curricular em que a Língua Portuguesa fica em segundo plano e o idioma indígena é reconhecido como língua-mãe. Isso acontece na aldeia Guapenu, na Zona Rural do Município. Esse novo sistema tem causado alguns conflitos na comunidade estudantil, formada por 80% de índios e 20% de brancos. Alguns índios ainda não aceitam a mudança, temendo voltar às origens da vida na aldeia, modificada há algumas décadas.

Banhada pelo rio Guapenu, que significa rio bravo, a aldeia de mesmo nome é o recanto da nação dos índios mura. Cerca de 500 habitantes indígenas vivem nesse extremo de terra firme e várzea. Para chegar até lá, o barco é o único meio de transporte.

A primeira construção avistada, ainda do rio, é a Escola Municipal Novo Horizonte. O objetivo da escola é o mesmo: educar e formar cidadãos, mas o ensino aplicado é diferente de todas as outras instituições. A presença de professores índios e brancos está modificando a vida da comunidade. "O Governo Federal garante que os professores de cada aldeia sejam da mesma etnia", afirma o vice-secretário municipal de Educação Mário Fernando da Cunha, 42.

A formação pedagógica para a preparação do professor é uma necessidade. "Por meio do programa Mura-peara, que significa guiando para a nação Mura, os professores índios recebem instrução de ensino fundamental e médio para poderem lecionar." Na escola, os professores brancos

que ainda trabalham serão substituídos aos poucos, assim que os índios se formarem.

**DOIS SISTEMAS**

Enquanto a substituição dos professores não acontece, os alunos convivem com dois tipos de professores e duas maneiras de ensino. "As disciplinas são praticamente as mesmas, o enfoque é que muda", comenta o representante do Conselho Indigenista Mura (CIM), Jusemar Ferreira, 37. Os professores brancos são formados pelo projeto Pró-rural. "É a formação convencional."

No projeto Mura-peara, os professores aprendem em nove módulos, com duração de aproximadamente 50 dias, com 470 horas de aula, disciplinas como prática de ensino, História da Educação, Geografia, Ciência, Matemática, Educação Física, Português, Literatura, Arte e Cultura, Espanhol, Filosofia e Psicologia.

Entre um módulo e outro, os professores vão para as aldeias colocar em prática o que aprenderam. O curso é reconhecido pelo Ministério de Educação e Cultura

(MEC) e Secretaria de Estado da Educação e da Qualidade de Ensino (Seduc) em nível de magistério e com direito legal ao curso superior.

Na aldeia Guapenu, o idioma nato foi extinto no período da Cabanagem, em 1838. Os poucos índios que sobreviveram disseminaram a cultura conhecida atualmente. "A comunidade resolveu adotar a língua geral, o nheengatu", disse Jusemar.

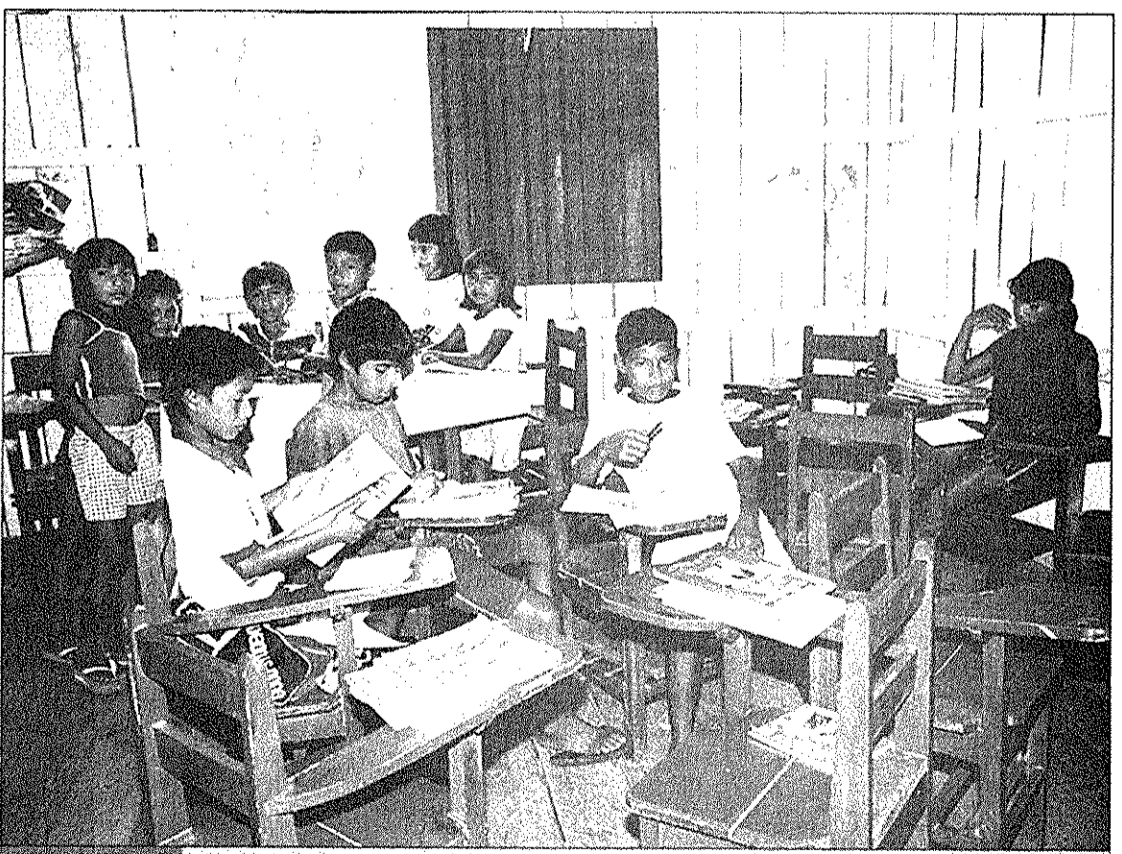
O nheengatu era a língua comum falada entre os povos indígenas, forjada nos troncos das línguas tupi e guarani pela Igreja Católica para se comunicar com todos os povos indígenas.

Para o professor mura Waldir Botelho, 33, é muito válida essa busca de conhecimento pessoal. "Pra nós, que trabalhamos com alunos indígenas, é importante reescrever a história do nosso povo, que lutava bravamente para conseguir sobreviver." Uma curiosidade sobre o povo é que ele não plantava, só usufruía da natureza. "É comum ouvirmos os professores brancos falando que nosso ensino não vale nada. Nós aplicamos a dis-

ciplina à realidade", diz. Em sua aula de Educação Física, ele mostra como o aluno deve carregar a mandioca, sem causar problemas para a sua saúde.

Francisco Gecinaldo Diniz, 27, é um dos professores brancos que têm acompanhado esse processo de mudança. "A escola tem sido favorecida, trabalhando com duas filosofias semelhantes e que atendem a dois tipos de culturas." Ele conta que, no princípio, o maior problema era gerado pelos pais de alunos que não queriam aceitar essa união. "Eles pensavam que os índios voltariam a andar nus", relata.

O diretor da escola, Jerry de Omede Maia, 27, diz não gostar da palavra "diferenciada", usada para explicar a pedagogia indígena. "A diferença entre os dois professores é que os indígenas conhecem a cultura e os brancos não. Mas a matéria é igual para todos." A conscientização ainda não terminou, é um trabalho de esclarecimento para pais, professores e alunos. "Outra medida adotada pela escola foi misturar alunos das duas culturas nas salas de aula.



CRIANÇAS Na escola Novo Horizonte, estudantes indígenas têm ensino diferenciado



ANTÔNIO Buscando encontrar a identidade indígena

**ESCOLA NOVO HORIZONTE**

**Proposta é resgatar cultura**

Antônio Marcos Tupinambá, 21, é um dos alunos da escola Novo Horizonte que tenta encontrar sua verdadeira identidade.

"Meus pais pertencem à nação Mura, mas eu fui registrado em cartório e criado como branco, porque após meu nascimento nossa família se mudou para a cidade." Seis anos depois, eles retornaram para a aldeia e à cultura de origem. "Me sinto

confuso, já aceito que sou índio, mas também sou branco", diz. Ao contrário, seu irmão não aceita ser chamado de índio. Em relação às aulas, Antônio diz que prefere os professores brancos. "A gente pode encarar melhor a vida, sentir a realidade de perto, como a necessidade de emprego. E não perder tempo com coisas que não voltam mais. A cultura Mura-peara se torna monótona porque aborda muito o passado", acrescenta. O convívio com os colegas de classe é bom. "Somos uma família. Não pensamos em quem somos, apenas nos damos bem", completa.